

FESTAS RELIGIOSAS: A MATERIALIDADE DA FÉ

Religious celebrations: the materiality of faith

Vera Irene Jurkevics*

RESUMO

Este artigo procura refletir acerca de algumas questões do universo das práticas religiosas tidas como populares e suas representações simbólicas do sagrado. Essas manifestações de religiosidade popular apontam um trânsito contínuo e intenso entre o institucional e o desclericalizado. Para exemplificação desta dinâmica, analisaremos a demarcação de um tempo coletivo e a construção de uma identidade, de um sentido de pertença aos participantes das Folias de Reis, da Festa do Divino Espírito Santo e do Círio de Nazaré. Redescobertas, revisitadas e revitalizadas como um rico campo de investigações, as festas religiosas têm possibilitado muitos olhares a essas expressões de fé.

Palavras-chave: festas religiosas; sagrado; fé.

ABSTRACT

This article tries to fix the idea of a few questions about the universe of religion practice, that are popular and their sacred symbolic representation. This popular religious manifestation shows a continuous and intensive flux between institutionalism and the disclericalised and to exemplify this dynamics we are going to analyze the demarcation of a collective time and the construction of an identity and a sense that belongs to those ones that participated of the Folia de Reis, the Divino Espírito Santo and the Círio de Nazaré. Rediscoverings, revisited and revitalized as a rich field of investigations, the religious celebrations have made possible to find new evidences of faith expressions.

Key-words: religious celebrations; sacred; faith.

* Doutora em História Religiosa pela UFPR, professora de História da UFPR. E-mail: verairene@terra.com.br.

As festas religiosas, como fenômeno cultural, têm sido redescobertas e revitalizadas como um fértil campo de investigação histórica, transcendendo sua visibilidade e revelando crenças e vivências demarcadas por um tempo e uma identidade coletiva.

Para o sociólogo Peter Berger,¹ no campo religioso, pela festa, tanto no sagrado quanto no profano, todas as coisas se reconciliam. É um momento de celebração da vida, o rompimento do ritmo monótono do cotidiano, o que permite ao homem experimentar afetos e emoções. Por instantes, o tempo dos relógios é suspenso, o homem experimenta o tempo mítico da eternidade e da manifestação divina que permite a reconciliação de todos com todos. Nesse sentido, as festas revelam a essência fundante de respeito à fé e à fraternidade comunal, que alimentam as manifestações religiosas e perpetuam as tradições que constituem um verdadeiro patrimônio cultural.

Assim se configuram as festas brasileiras desde os primeiros séculos de colonização. O espaço de sociabilidade, para a maior parte da população, se realizava fora do âmbito domiciliar, uma vez que os grandes momentos de interação social eram as festas religiosas. As práticas católicas eram marcadas por efusivas manifestações de fé visíveis nas missas com corais, nas procissões – caminho do devoto à Casa do Pai – repletas de alegorias e nas festas com músicas, danças, comidas, bebidas e fogos de artifício. A estas características, Mary Del Priori² acrescentou outras: um local de luta, de violência, controle e manutenção de privilégios e hierarquias, sem esquecer as contribuições culturais dos negros e dos ameríndios, num leque de expressões religiosas híbridas.

José Ramos Tinhorão avalia que, somando-se, naquela ocasião, os dias santificados, domingos e os dias dos santos padroeiros da cidade, da vila e da freguesia, o resultado era que as festividades promovidas pela Igreja Católica totalizavam um terço do ano.³

1 BERGER, P. *O rumor dos anjos: sociedade moderna e a descoberta do sobrenatural*. Petrópolis: Vozes, 1973.

2 DEL PRIORI, M. *Festas e utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

3 O autor listou especialmente o Natal, a Circuncisão (Ano Novo), Ressurreição e suas oitavas, a Ascensão, o Espírito Santo e suas oitavas, o Corpo de Cristo, a invenção da Santa Cruz, a Purificação, a Anunciação, a Assunção, a Natividade, a Conceição de Nossa Senhora, São Miguel, Santo Antonio, São Pedro, São Paulo e os 12 Apóstolos, São Estevão, Santo Inocência, São Lourenço, São Silvestre, São José, Sant'Ana, Todos os Santos e Coração de Jesus. TINHORÃO, J. R. *As festas no Brasil Colonial*. São Paulo: Ed. 34, 2000. p. 8-9.

Nessas ocasiões, era comum a participação não apenas dos moradores locais, como também dos arredores que, compondo as diversas irmandades e ordens terceiras, organizavam os eventos, sobretudo para celebrar os seus santos protetores. As festas organizadas pelas confrarias mesclavam as missas, os sermões, os te-deuns, as novenas e procissões com danças, coretos, fogos de artifício, barracas de comidas e bebidas. Ao clero, normalmente escasso, cabia a celebração dos sacramentos.

Para João José Reis,⁴ essas ocasiões representavam rituais de intercâmbio entre homens e divindades em que os limites do profano e do sagrado se tornavam mais tênues.

As cidades e as vilas, em seu conjunto, se tornavam um palco de sociabilidades numa época em que grandes distâncias separavam a população e os transportes eram pouco abundantes. Somado a isto, face aos poucos recursos de uma parcela considerável da população, as festas eram, possivelmente, as únicas oportunidades de descanso, prazeres e alegria, confraternização e divertimento, além de fornecerem importantes elementos acerca do fenômeno de circularidade cultural, defendido por Mikhail Bakhtin e Carlo Ginzburg.⁵

Assim, se pode citar as procissões de São Sebastião, da Visitação de Santa Isabel, de *Corpus Christi*⁶ e outras convocadas pela Igreja, em cumprimento às Ordens Régias⁷ e que tinham a sua obrigatoriedade ditada pelas Câmaras Municipais.⁸ Já as procissões da Semana Santa tinham uma finalidade instrutiva. Seu objetivo principal, segundo Riolando Azzi, era ensinar à população os sofrimentos de Jesus e de Maria e a história da Salvação.

4 REIS, J. J. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

5 Especialmente em *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo/Brasília: Hucitec/Edunb, 1993 e *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, respectivamente.

6 Também chamada de Triunfo Eucarístico ou Triunfo de Cristo.

7 No início do ciclo das Grandes Navegações, Roma decidiu confiar aos reis ibéricos o Padroado Real sobre as novas terras descobertas. Estes deveriam enviar missionários, construir igrejas e conventos, fundar paróquias e dioceses, subvencionar o culto, bem como, remunerar o clero. Em troca, ficava a cargo da Coroa real a arrecadação dos dízimos eclesiásticos. Em termos concretos, Riolando Azzi avalia que o padroado não trouxe grande vantagem para a Igreja do Brasil, uma vez que a colônia não era economicamente rentável, resultando daí restrições constantes à organização e expansão da instituição eclesiástica, dela dependente. *O Catolicismo Popular no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 46-47.

8 Apesar destas ocasiões serem rotuladas como “festas populares”, os faltosos eram punidos com multas e prisões (AZZI, 1987, p. 49).

Eram quatro as procissões desses festejos: a procissão de Cinzas, realizada na quarta-feira, marcava a abertura da Quaresma e se destinava a lembrar os fiéis sobre a brevidade da vida, a limitação humana e a necessidade de fazer penitência para obter a salvação; a procissão do Encontro, realizada na segunda-feira da Quaresma, revivia algumas passagens da Paixão de Cristo, especialmente o pretório, a flagelação, o Salvador carregando a cruz, suas quedas, seu encontro com Maria e Verônica; a procissão do fogaréu, na Quinta-feira Santa, lembrando os sofrimentos do Cristo no Jardim das Oliveiras, e a Procissão do Enterro, realizada ao cair da sexta-feira, que relembra o enterro do Cristo (VOZ DO PARANÁ, 12.02.1961, p. 3).

O caráter destas práticas religiosas era percebido, segundo Augustin WERNET, na estreita interação da religião com a vida social e comunitária:

A religião era o núcleo firme da convivência, foi ela que impregnou todas as manifestações da vida social. As festas e manifestações religiosas constituíam uma forma de reunião social, sobretudo nas regiões rurais, dos engenhos e fazendas isoladas. O sagrado e profano andavam unidos e juntos. As procissões e as festas religiosas quebravam a monotonia e a rotina diária, sendo, na maior parte das vezes, uma das poucas oportunidades para o povo se distrair e se divertir.⁹

Nessa mesma trilha, Maria Clara T. Machado esclarece que a festa, enquanto ritual religioso, constituía-se em um interregno na labuta diária, eram momentos especiais que fugiam do trivial, singularizando a renovação de forças para o recomeçar festivo, pois

aliavam o sagrado e o profano, a fé e o festar, o calor da oração coletiva e o riso, a música e a dança, as solidariedades e os (re) encontros que compõem um cenário de esperança por dádivas divinas e o reconhecimento pelas graças recebidas.¹⁰

⁹ WERNET, A. *A Igreja paulista no século XIX: a reforma de D. Antonio Joaquim de Melo (1851-1861)*. São Paulo: Ática, 1987. p. 24-25.

¹⁰ MACHADO, M.C.T. Pela fé, a representação de tantas histórias. *Estudos de História*, Franca, v. 7, n. 1, 2000. p. 51-63.

Algumas das festas religiosas que atualmente movimentam milhões de devotos, por todo o país, são heranças do que foi chamado de religiosidade colonial ou catolicismo popular, enquanto outras foram sendo incorporadas no calendário religioso, ao longo da história brasileira. No entanto, além de se constituírem em um fenômeno de longa duração, são marcadas por um profundo referencial de fé, ainda que os elementos que as compõem sofram influências próprias da região onde são celebradas.

Em 1999, o Governo Federal, através do Ministério do Esporte e Turismo, em parceria com a Arquidiocese da cidade do Rio de Janeiro e a Empresa Brasileira de Turismo – EMBRATUR, publicou o catálogo *Roteiro da Fé Católica*, que descreve as mais significativas festas religiosas brasileiras que, em conjunto, atraem aproximadamente 15 milhões de devotos, “quase 10% da nossa população movem-se em busca de encontro espiritual, pedindo graças e agradecendo sua concessão (...) em cada um destes destinos religiosos, buscamos valorizar as cerimônias, preservando seu conteúdo religioso”, segundo Carlos Melles, então Ministro de Esportes e Turismo.

A exemplo da grande afluência de peregrinos que visitam Fátima, em Portugal, Santiago de Compostela, na Espanha, ou os Santuários de Jerusalém, no Brasil são muitos os lugares santificados e inúmeras são as manifestações religiosas que, através de festas, novenas, procissões terrestres e fluviais, encenações teatrais, missas e romarias, transformam-se em verdadeiros espetáculos de devoção. Destacamos deste roteiro apenas alguns exemplos que consideramos menos conhecidos, pelo menos aqui no Sul do país, enfatizando que cada um deles, por si mesmo, já mereceria um estudo pormenorizado.

No Acre, na cidade de Cruzeiro do Sul, a festa de Nossa Senhora da Glória ocorre desde 1912, sendo considerada um dos maiores eventos da região. O novenário em homenagem à santa padroeira se estende de 06 a 15 de agosto, quando a imagem é conduzida em grande procissão. Os organizadores estimam que mais de 25 mil pessoas participem dos festejos.

Em Macapá (AP), o dia 19 de março é consagrado a São José, e durante uma semana 15 mil pessoas, aproximadamente, participam das procissões, do arraial e das rezas.

Em Borba, município amazonense, na primeira quinzena de junho, há mais de 200 anos, celebra-se Santo Antonio, com romarias, procissões e

novenas. O número anunciado de participantes, nos últimos anos, é expressivo, em torno de 40 mil, principalmente se avaliarmos as distâncias entre Borba e Manaus: 215 km, por via fluvial e 150 km, por via aérea. Possivelmente um dos fatores que atraem tantos devotos seja a divulgação de que aquele município é o primeiro da América Latina e o quinto do mundo a preservar fragmentos mortais do santo padroeiro que, supostamente, teriam vindo diretamente de Pádua, na Itália.

Ainda no mesmo estado, outra festa, realizada em 8 de dezembro, homenageia, a exemplo do que ocorre em muitas outras localidades brasileiras, Nossa Senhora da Conceição. Atraindo mais de 70 mil pessoas, a devoção mariana mobiliza a maioria das comunidades da região, muitas das quais longínquas, que enviam representantes para a procissão fluvial que encerra aquela festividade.

Outra procissão fluvial de grande repercussão em Manaus é a de São Pedro, padroeiro dos pescadores que, no dia 29 de junho, se inicia no Rodway, principal porto pluvial do estado, percorrendo toda a Bacia do Rio Negro.

O maior evento religioso do Estado de Alagoas ocorre anualmente em Penedo, na segunda quinzena janeiro. Trata-se da tradicional procissão fluvial de Bom Jesus dos Navegantes, que chega a contar com 100 mil pessoas que participam do cortejo pela águas do “Velho Chico”.

Outro destaque do *Roteiro da Fé* é a Festa da Nossa Senhora da Boa Morte, tida como a mais mística do estado baiano. Celebrada desde os primórdios do movimento abolicionista, a festa preserva ainda hoje seus traços característicos, marcados pelo sofrimento dos escravos. E este é o significado da celebração: o agradecimento a Nossa Senhora pela libertação dos cativos. Nesta festa, de acordo com as informações dos organizadores, estão presentes tanto elementos do catolicismo quanto de culto afro, típico exemplo do fenômeno de circularidade cultural, em que os elementos culturais transitam num mesmo contexto, mesclando-se continuamente.

Poderíamos continuar elencando muitas outras festas devocionais listadas ou não pelo *Roteiro da Fé* e que não são focalizadas pela mídia, em âmbito nacional, ficando, sobretudo, circunscritas às populações locais. No entanto, nosso objetivo maior neste momento é destacar as Folias de Reis, as Festas do Divino Espírito Santo e o Círio de Nazaré, por sua grande representatividade e longevidade.

Folia de Reis

A Folia de Reis, Reisado ou a Festa dos Santos Reis é um auto popular que procura rememorar a jornada dos reis Magos, Gaspar, Melchior e Baltasar, a partir do momento em que eles recebem o aviso do nascimento do Salvador, quando levam ouro, incenso e mirra,¹¹ até o momento em que o encontram na lapinha. Fazendo parte, pois, do ciclo natalino, o cortejo dos foliões desfila cantando, tanto no campo como nas cidades.

Esta festa, assim como várias outras, foi trazida pelos portugueses no início da colonização, cujas raízes se encontram na Festa do Sol Invencível, comemorada inicialmente pelos egípcios e, mais tarde, incorporada pelos romanos. Essa celebração, na sua primeira versão, acontecia em 6 de janeiro e a romana em 25 de dezembro,¹² de acordo com o calendário gregoriano.

O perfil delineado em Portugal e trazido para a colônia aponta que à frente do cortejo, segundo a tradição, vem o bandeireiro, carregando o estandarte, objeto sagrado da companhia, representando os três reis diante do presépio de Belém. Logo atrás da Bandeira estão os palhaços (ou Bastião, como ainda são chamados em algumas folias), com suas “fardas” floridas e máscaras grotescas (na verdade “capacetes”), dançando em passo saltitante para animar o grupo. Atrás deles vêm dois cordões de músicos, enfileirados, de acordo com a voz que cada um canta ou o instrumento que toca. Na trajetória que percorrem atraem uma pequena multidão, principalmente de crianças.

Dessa forma, o cortejo se aproxima de uma casa, geralmente enfeitada com arcos de bambu, e seu dono vem recebê-los no portão, tomando a Bandeira e levando-a para dentro. O casal de festeiros, donos da casa, “rei e rainha” recebem a bandeira, rezam o terço, em frente ao altar.

Os palhaços e os músicos seguem sua “guia”, começando a cantoria. Quando há um presépio, os palhaços tiram seus capacetes e se ajoelham, enquanto os músicos cantam uma série de versos em que narram sua interpretação da jornada dos Reis Magos rumo a Belém.

11 Que representam, na teologia cristã, as dimensões do Cristo: sua realeza, sua divindade e sua humanidade, já que o óleo de mirra era usado, naquele contexto, para embalsamar os mortos.

12 No século III, em virtude da celebração da manifestação da Luz, o dia 25 de Dezembro foi instituído como o do nascimento de Cristo e o 6 de janeiro como o dia de Reis.

Há folias em que os “bastiões” recitam profecias, numa seqüência de versos que relatam o nascimento do Menino Jesus e depois dedicam um verso a cada morador da casa, respeitando a hierarquia familiar: pai, mãe, filhos e outros parentes que se encontram lá e finalmente para os familiares falecidos.

Essa celebração, que se repete por várias horas, dependendo da comunidade visitada, homenageia primeiramente a Sagrada Família no presépio, seguido de uma cantoria para cada membro da família nuclear,¹³ representando a comunhão da “grande família de Deus na terra”.

O que recebe o verso “vai para a Bandeira”, segura-a, recebendo a bênção dos “Santos Reis”. Os músicos “pedem uma esmola”, estabelecendo uma relação de reciprocidade entre os devotos e o sagrado.¹⁴

Completadas as cantorias de tema religioso e a reza de finalização, vem a confraternização, com comida e bebida para todos.

Como fenômeno de longa duração, esta celebração tem apresentando algumas variações na sua realização, mas com a manutenção de seus elementos essenciais. Segundo algumas explicações, os mascarados representam o mal, a concretização de Herodes ou do próprio demônio. De qualquer forma, com essa vinculação ao mal, os palhaços seriam impedidos de tocar a bandeira sagrada da Folia e de se colocarem à frente do cortejo. Há outras versões que indicam a proibição de se aproximarem do presépio ou então de só poderem entrar na casa visitada após os cantos finais e, ainda assim, sem as máscaras.

Segundo a lenda, quando os três Reis Magos fugiram de Herodes, Gaspar e Melchior se envergonharam de andar em companhia do negro Baltasar e resolveram livrar-se de sua presença. Acordando bem cedo, seguiram um caminho, enquanto o companheiro permaneceu mais um tempo na estalagem. Quando Baltasar soube que os outros dois já haviam partido, orou a Deus pedindo sua orientação. Conduzido pela estrela luminosa, che-

13 Os versos têm que ser elaborados de tal modo a se encaixar numa estrutura melódica pré-existente. Trata-se de uma técnica que permite ao compositor improvisar longas seqüências narrativas, mantendo seus versos em rimas e composto de frases de tamanhos iguais, pois o cantor joga com um estoque de frases (as fórmulas), encaixando-as para formar os versos, segundo REILY, S.A. O Canto da Família: organização vocal nas Folias de Reis do sudeste brasileiro. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, n. 29, p. 111-124. 1988.

14 ZALUAR, A. *Os homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

gou prontamente na gruta de Belém, onde se maravilhou com a graça de se ajoelhar do Messias. Passou-se um bom tempo antes da chegada dos outros. Sofrendo os rigores do clima e da aspereza do caminho, Gaspar teria chegado velho e alquebrado, enquanto Melchior, trêmulo e de andar hesitante, parecia sentir todo o frio do mundo.¹⁵

De acordo com Carlos Rodrigues Brandão,¹⁶ essa fundamentação mítica que conta a história do rei negro resgatado por Jesus originou a Folia. A resistência étnica que norteou a fundação da celebração se refaz e se reforça, a cada festa, promovendo a comunhão da família celeste com a família humana.

Bastante popularizada no Brasil, a Folia é realizada em várias regiões, mas principalmente no interior de São Paulo, Minas Gerais, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Goiás. Para os foliões devotos, a Folia de Reis transcende a representação. O seu sentido maior é o religioso, é a devoção, e tem conseguido sobreviver como uma manifestação revestida de um dinamismo próprio, apesar de algumas mutações, pelas influências regionais que recebe.

A Festa do Divino

A Festa do Divino Espírito Santo, uma das mais importantes celebrações da Igreja Católica, de caráter popular, originou-se num dos principais medievais de origem germânica e em fins do século XIII, a pedido da rainha Isabel, foi incorporado às celebrações sacras portuguesas, em Alenquer,¹⁷ após a expulsão dos mouros daquela região.

No Brasil, os registros apontam a primeira festa em 1761, em Guaratinguetá, no interior da província de São Paulo e, quatro anos mais tarde, em Salvador, na Matriz de Santo Antonio de Além-Carmo.

15 O mito que nos coloca diante dos três palhaços da Folia caracteriza a gênese da comemoração: o negro Bastião, o alegre e saltitante homem das perguntas e brincadeiras. O Velho representa a decrepitude, dos que seguem os percursos mais longos para chegar à Verdade, e o Friage, o mascarado que treme e gagueja, sentindo o frio dos que renegam a alegria e a humildade.

16 BRANDÃO, C. R. *A Folia de Reis de Mossâmede*. Rio de Janeiro: Funarte, 1977.

17 Atualmente Província de Extremadura.

A festa se inicia no Domingo da Páscoa¹⁸ com o levantamento do mastro da Bandeira do Divino, quando são escolhidos o festeiro, o capitão do mastro e o alferes da bandeira. A partir dessa data e durante os quarenta dias seguintes, os integrantes da Folia do Divino percorrem a região circunvizinha, conduzindo a bandeira, visitando as casas e recolhendo donativos, em dinheiro, alimentos ou objetos para serem leiloados.

Os músicos da folia, em versos musicados, pedem ao dono da casa que os deixe entrar e levar, até seus familiares, a Bandeira do Divino. Após o consentimento, a festa se inicia. A Bandeira é colocada “em altar”, é beijada, e as pessoas oram em conjunto, reforçando os laços de sociabilidade, num momento de confraternização espiritual.

Ao término desse período, o festejo concentra-se na igreja local, cujo ponto alto é no sábado e no Domingo de Pentecostes, quando os devotos “recebem” o Divino Espírito Santo, assim como os apóstolos o receberam, em Jerusalém. Por isso seu símbolo é a pomba branca, que representa o Divino Espírito Santo.

Esta festa é preparada durante um ano inteiro por dois casais da comunidade¹⁹ e um dos momentos mais esperados é a coroação do “Imperador”, quando “roupas luxuosas” são usadas, geralmente de veludo e cetim.

Pirenópolis, em Goiás, tem no Divino Espírito Santo a mais tradicional de suas festas, incentivada desde há muito tempo pela Igreja local, que via nestes festejos uma forma de estender as cerimônias religiosas até moradores e fazendas e sítios mais distantes.

Mônica M. Silva²⁰ aponta que as primeiras referências à Folia do Divino foram feitas por S. Hilaire, em 1819, quando, em viagem próxima à floresta de Mato Grosso de Goiás, encontrou homens a cavalo, um deles com uma bandeira, outro com violão e outro ainda com tambor, os quais levavam burros carregados de provisões. Era a Folia do Divino, que saía de Curalinho a angariar donativos para a festa. Ao final dela, tirava-se a sorte para escolher o Imperador do ano seguinte.

18 As festas móveis da Igreja Católica são marcadas em função do domingo de Páscoa, o primeiro após a lua cheia seguinte ao equinócio de outono (21 de março).

19 No encerramento dos festejos, no Domingo de Pentecostes, são apresentados os novos casais encarregados do preparo da festa do ano seguinte.

20 SILVA, M. M. As Folias do Divino Espírito Santo: sociedade, Igreja e romanização em Pirenópolis (1910-1950). *Estudos de História*, Franca, v. 7, n. 1, p. 89-105, 2000.

Em fins do século XIX, a Igreja Católica, por meio de padres de posições mais ortodoxas, tentaram coibir o que consideravam excessos e abusos de fé. Era o processo de romanização em que ocorreram diversas interferências diretas em práticas leigo-religiosas, até então toleradas ou mesmo incentivadas e que contradiziam as propostas reformistas da Igreja.

Nesse sentido, a Festa do Divino era bastante condenada, por causa do “poder” do Imperador do Divino, geralmente ligado aos grupos políticos locais, em detrimento do pároco. As acusações eram que, como a Festa, a Folia do Divino²¹ era palco de práticas religiosas recheadas de profanidade, como bailes, bebidas alcoólicas e foguetórios. Muito comuns também são as demonstrações folclóricas como dança-de-fita, moçambique, cavalhada, congada, entre outras. No final da tarde, o clero retoma o controle da Festa, quando a procissão sai da Igreja, com a participação de grande número de devotos. Nesse sentido, o profano é dominado novamente pelo sagrado, isto é, a manifestação fé passa pelo controle institucional que a legitima.

O Círio de Nazaré

Todos os anos, durante o segundo final de semana do mês de outubro, uma multidão de pessoas se acumulam nas ruas históricas de Belém do Pará²² para celebrar a fé em N. S. de Nazaré. A cada nova versão do Círio, o número de fiéis que participa do evento aumenta ainda mais,²³ mobilizando boa parte da cidade nos preparativos dessa celebração, considerada a maior manifestação religiosa daquele estado e uma das maiores do país. A importância da festa é tão grande que o Instituto do Patrimônio Histórico e Artís-

21 Distante do controle clerical, inclusive os donativos ficavam sob a guarda do Imperador e não do clero.

22 Essa festa se popularizou em Rio Branco, no Acre, desde a década de 1930, em função da presença de grande número de migrantes paraenses.

23 No ano de 2002, segundo o *Diário Oficial – Leitura*, publicação da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, de setembro de 2003, a população presente nos festejos foi estimada em mais de dois milhões.

tico Nacional (Iphan) estuda o seu tombamento como patrimônio imaterial da humanidade. Se deferido, será o primeiro dessa natureza no Brasil.

Desde outubro de 1793, quando o Círio foi comemorado pela primeira vez por ordem do presidente provincial Francisco de Souza Coutinho, a festa tem se repetido, com apenas algumas alterações, revivendo a lenda do caboclo que encontrou a imagem da santa e a levou consigo, embora ela tenha “milagrosamente” retornado para o local onde havia sido encontrada.

Essa celebração, de origem portuguesa, remonta ao século XIV, quando romarias realizadas pelos devotos iam de uma aldeia a outra, portando grandes velas, originando-se assim a expressão círio.²⁴

Ao todo são quinze dias de manifestações de fé que começam²⁵ com uma romaria fluvial,²⁶ quando centenas de embarcações saem do distrito de Icoaraci, atravessam a Baía de Guajará e chegam ao porto de Belém, trazendo a estátua de N.S. de Nazaré. À noite, uma concorrida procissão conduz a imagem até a Catedral da Sé. No dia seguinte, domingo pela manhã é celebrada uma missa, seguida de uma procissão que acompanha a Santa até a Basílica de Nazaré.

Nesse momento os promesseiros entram em cena, carregando na cabeça casas, carros em miniaturas e tudo o que possa ser materializado, representando seus pedidos. Outros carregam cruzeiros pesados em cumprimento a promessas. E aqueles que tiveram seus pedidos atendidos disputam cada palmo dos quatrocentos metros da grossa corda que puxa o carro que transporta a imagem da Santa Milagrosa. Tocar a corda é o objetivo de todos, uma vez que simboliza o elo que os une a Nossa Senhora, a mãe de Jesus a conduzir seu povo.

Muitos chegam a desmaiar ou de calor e esforço ou ainda de emoção. O trajeto dura mais de seis horas e chega, no final da tarde, à Praça do Santuário, onde fica a Basílica. O dia termina com uma missa e, nos dias que se seguem, os ofícios religiosos são sucedidos de quermesses, músicas, danças, comidas típicas (tacacá e pato no tucupi), além de muita bebida e um comércio promissor de “lembrancinhas”.

24 Procissão que, partindo de determinado lugar, vai levar um círio a outro.

25 O percurso fluvial só foi incorporado a partir de 1986.

26 Considerada a Padroeira dos Navegantes, desde que foi noticiado que a santa havia sido retratada no diário de bordo de Vasco da Gama, rumo às Índias.

Carlos Rocque, historiador e estudioso dos festejos do Círio de Nazaré, na capital paraense, aponta para celebrações do final do século XVIII e boa parte do seguinte, afirmando que “o caminho que da cidade ia ter à Igreja, atravessava uma floresta durante quase todo o percurso e, por isso, precisava anualmente ser capinado”.²⁷

Esse cenário se altera com a riqueza produzida pelo Cíelo da Borraça, entre o final do século XIX e início do século XX, quando ocorreram grandes transformações em Belém, dotando-a de largas avenidas, belos edifícios e praças; “foi quando o Círio se encheu de carruagens e o arraial de luzes, festas e cores”.

Rocque aponta ainda que, ao longo dos anos, o Círio de Nazaré também sobreviveu a diversas questões de ordem política. A mais significativa foi a Cabanagem (1835-41), revolta popular em oposição ao governo local imposto pelo poder regencial. Naquele período, mesmo em meio a violentas agitações de ruas, a festa não deixou de ser comemorada.

E assim tem sido ao longo de todo esse tempo. No entanto, durante os anos de 1980, a Igreja pretendeu extinguir a corda, alegando que a disputa dos fiéis para conduzir a corda, em sua peregrinação, descaracterizava a sacralidade do evento. O povo, em protesto, saiu às ruas e houve confronto com forças policiais. No final, a devoção, ainda que manifestando-se de forma profana, venceu, garantindo sua legitimidade, como um fenômeno da mais significativa expressão de fé.

Considerações finais

Se é possível verificar um intenso trânsito entre o sagrado e o profano, nas muitas manifestações religiosas, nas festas, essa circularidade é contínua e de grande visibilidade. Fazem parte do que a Igreja conceitua como religiosidade popular, uma vez que não são prescritas pela liturgia, mas são celebradas, através de ritos, objetivando o encontro dos homens com o mundo espiritual e sagrado.

27 ROCQUE, C. *História do Círio e da Festa de Nazaré*. Belém: Cejup, 1996. p. 28.

Esses festejos, marcados majoritariamente por procissões, simbolizam o caminho percorrido pelos devotos em direção a esse sagrado. Assim, o cortejo é um meio, um instrumento que significa muito mais que o simples fato de um grupo de pessoas marcharem juntas, uma vez que naquele momento estão irmanados. Portanto, a representação é a caminhada espiritual. As velas representam a Luz. Os devotos unem-se, afastando-se das trevas e dos pecados.

Naturalmente, o simbólico permeia cada uma das relações estabelecidas pelos devotos, como a jornada dos Reis Magos, a preparação da Festa do Divino ao longo de todo um ano, ou a luta, quase corporal, para segurar, pelo menos por alguns momentos, a corda que conduz N.S.Nazaré pelas ruas de Belém.

Esses rituais peregrinatórios, realizados há muito, muito tempo, com algumas poucas alterações, acabaram por adaptar certos hábitos, conforme cada região, demonstrando um dinamismo próprio, mas sem abrir mão de sua principal essência: a fé genuína, espontânea e popular.